

Retrato ¾ do Colégio Pedro II no Século XXI: a transformação institucional e o desafio de incorporação das demandas identitárias discentes

- Wilson Cardoso Junior

RESUMO: O presente trabalho dedica-se a apresentar um recorte do cenário atual do Colégio Pedro II a partir de alguns movimentos discentes que nos últimos anos vêm lutando por reconhecimento de identidades plurais, fluídas e não hegemônicas. O seu intuito é o de levantar algumas questões que se colocam para a incorporação e o aprofundamento do debate acerca da diversidade sociocultural nesse universo escolar. A perspectiva adotada é a de verificar possibilidades de construção de uma cultura escolar que rompa com as relações hegemônicas e monoculturais a fim de superar preconceitos e discriminações existentes nos cotidianos escolares da tradicional Rede de Ensino Colégio Pedro II (CP II). O ponto de partida é o fato de que nos últimos anos esse universo escolar vem sofrendo importantes transformações que tem levado a instituição a uma verdadeira “mudança de pele”, iniciada com a nova identidade jurídica institucional que, a partir de 2012, transformou-o numa Instituição Federal de Ensino. Na atualidade vem ocorrendo um processo inédito de discussões envolvendo temas como relações étnico-raciais, questões de gênero, feminismo, multiculturalismo e educação inclusiva devido, principalmente, a mobilização do seu corpo discente.

O presente trabalho¹ dedica-se a apresentar um recorte do cenário atual do Colégio Pedro II a partir de alguns movimentos discentes que nos últimos anos vêm lutando pelo reconhecimento de identidades plurais, fluídas e não hegemônicas. O seu intuito é o de levantar algumas questões que se colocam para a incorporação e o aprofundamento do debate acerca da diversidade sociocultural nesse universo escolar. A perspectiva adotada é a de verificar possibilidades de construção de uma cultura escolar que rompa com as relações hegemônicas e monoculturais a fim de superar preconceitos e discriminações existentes nos cotidianos escolares da tradicional Rede de Ensino Colégio Pedro II (CP II).

Parto do fato de que nos últimos anos esse universo escolar vem sofrendo importantes transformações que tem levado a instituição a uma verdadeira “mudança de pele”, iniciada com a nova identidade jurídica institucional que, a partir de 2012, transformou-o numa Instituição Federal de Ensino. Na atualidade vem ocorrendo um processo inédito de discussões envolvendo temas como relações étnico-raciais, questões de gênero, feminismo, multiculturalismo e educação inclusiva devido, principalmente, a mobilização do seu corpo discente.

Nesse contexto, além da criação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB-CP II) e o Grupo de Estudos Institucional de Gênero e Sexualidade (ELOS), destacam-se também as aulas inaugurais de 2014 e 2015 em que questões sócio-identitárias foram oficialmente incorporadas pela instituição, a saber: “As diferenças constituem a riqueza coletiva da humanidade, mas por que foram degradadas em fontes de discriminação entre seres e sociedades humanas?”, realizada em 3 de fevereiro, proferida pelo

Professor Doutor Kabengele Munanga, da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (2014), e “Cotidiano escolar, currículo e heteronormatividade: desafios para uma educação de qualidade para todos”, realizada no dia 2 de março, com Rogério Diniz Junqueira - pesquisador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira /Inep (2015).

A formação para a cidadania: a marca identitária do Colégio Pedro II

Em sua trajetória, o CP II destaca-se como formador de cidadãos brasileiros que honram o nome da instituição. Essa é, indiscutivelmente, a marca de identidade que permanece pelo tempo, não constituindo, portanto, tão-somente uma característica de determinada faixa de tempo na história do Colégio. (Brasília: Inep/MEC, 2002. p. 30)

A estrutura e funcionamento do ensino básico do Colégio Pedro II no tempo presente, ao menos no Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio (antigo ensino secundário), é fruto da tradição educativa sesquicentenária fundada no currículo colegial de herança francesa estabelecido no momento mesmo de criação dessa instituição, fortemente marcado pela lógica disciplinar e a prescrição de conteúdos que constituíram uma cultura hegemônica que a partir da herança do Iluminismo, da Razão e do Progresso.

Segundo Dubet (2011), a finalidade desse modelo era unificar a nação pelo ensino pautado numa língua oficial que garantia relatos acima de tudo nacionais e modernos com os quais as crianças (consideradas “razões em formação”, iguais e universais) deviam sentir-se as herdeiras para nelas forjar-se a consciência nacional e o sentimento patriótico. O ideal de “escola-santuário”, uma das premissas para execução desse projeto, significava a aspiração administrativa-pedagógica de situar a escola fora do mundo e acima da sociedade a fim de transmitir a cultura superior e mais ampla do que a do senso-comum porque fundada em princípios universais.

No Projeto Político Pedagógico, publicado em 2002 e ainda em vigor, a formação para a cidadania se apresenta como uma marca atemporal e traço central da identidade do “Novo Velho Colégio Pedro II”. Esse documento identifica como principal desafio institucional o ajuste de sua tradição centenária, densa de cultura e humanismo, aos novos tempos e ao mundo em mudança a fim de manter o seu lugar de destaque no cenário educacional brasileiro e colocar-se em acordo com a atual visão institucional: *“Ser uma instituição pública de excelência em educação integral e inclusiva, consoante com o mundo contemporâneo e as novas técnicas e tecnologias,*

comprometida com a formação de cidadãos, visando a uma sociedade ética e sustentável”.

Nessa formulação encontra-se sintonia entre a concepção de cidadania atemporal e a educação de excelência. Parte-se da concepção de cidadania surgida na aurora do século XX, centrada na ideia de nação formada por um Estado central soberano e uma economia nacional dirigida por uma burguesia nacionalista, destinada a forjar o imaginário nacional, ao mesmo tempo particular e universal, que se encontra na base do sentido de educação de excelência que fundamentalmente define a tradição do Colégio Pedro II.

O que ainda parece distante dessas elaborações com que o CP II forja a sua identidade institucional é o reconhecimento de que em tempos de globalização da economia e mundialização da cultura (ORTIZ, 1994) os pertencimentos se multiplicaram e as identidades nacionais enfrentam o desafio de não se confinarem a um único padrão cultural e comporem com as culturas provinciais, locais e étnico-raciais, entre outras. Fora isso, ainda na esfera identitária, é preciso considerar que com a globalização e o avanço tecnológico vertiginoso, as crianças e os jovens vivem em múltiplas culturas e numa infinidade de sistemas de referências.

A emergência de novas configurações identitárias dos/as estudantes, acima de tudo plurais, extrapolam da sociedade para a extraterritorialidade da “escola-santuário”, e impactam as bases conservadoras da instituição ao buscar o reconhecimento de suas alteridades. Essa demanda, que o CP II tem experimentado com maior intensidade desde 2014, desafia os valores que orientam a padronizadora de sua educação escolar colocando em questão a necessidade de aprofundamento de sua visão de inclusão.

Novos tempos: o fim da jubilação e a educação inclusiva

No momento dessa pesquisa, realizada entre 2013 e 2016, o novo Plano Político Pedagógico Institucional (PPPI) do Colégio Pedro II, encontrava-se em processo de elaboração, orientado por um texto de base denominado Política e Estratégia da Construção do Projeto Político Pedagógico Institucional do Colégio Pedro II, apresentado em setembro de 2014, com 10 páginas ⁱⁱ.

Neste texto encontramos a tensão tradição-inovação reconfigurada na passagem que sublinha ser o CP II uma escola “cuja excelência precisa da oxigenação de sua tradição pela vanguarda de suas ações didático-pedagógicas”. E, para isso, não deve limitar-se “a uma simples escolha entre ser tradicional e ser moderno”, devendo

“preservar determinadas características que valorizem a tradição e a história do Colégio Pedro II”, mas ser “progressista, adequado aos desafios educacionais presentes no século XXI” a fim de contemplar “a integração entre educação multicultural e comunitária” e enfrentar a “questão da avaliação, da repetência e da evasão escolar; a visão inter, multi e transdisciplinar, o ensino indissociado da extensão e da pesquisa” (2014, p. 2-3).

O novo documento surgirá de um contexto em que se destaca a extinção da jubilação, pela Portaria Nº 1343, de 24 de abril de 2015 ⁱⁱⁱ, que determinou a ruptura com uma forte tradição institucional que previa o desligamento *obrigatório* do/a estudante que repetisse duas vezes a mesmo ano/série. Ou seja, ele/a era excluído da instituição por insuficiência contínua de rendimentos acadêmicos.

O atual Reitor do Colégio Pedro II, o professor Oscar Halac, justificou a medida como o atendimento aos anseios de parte da comunidade escolar que via nessa norma uma forma de exclusão daqueles alunos que não se encaixavam em determinado padrão:

Não podemos pensar a inserção social apenas no processo de seleção de alunos do Colégio Pedro II. Precisamos manter nossos alunos independentemente da velocidade com que eles aprendem. A boa escola não é aquela que mais aprova ou que jubila, mas sim aquela que ensina.^{iv}

O fim da jubilação veio acompanhado por um conjunto de ações destinadas a priorizar a inserção e permanência dos/as alunos/as com desempenho escolar abaixo da média, buscando garantir a sua recuperação e promover o aprendizado efetivo por meio da implementação do Programa de Reforço Escolar ^v, dos Núcleos de Atendimento a Pessoas com Necessidades Específicas – NAPNES (que deverão ser estabelecidos em todos os campi) e da Seção de Educação Especial, incumbida de projetos próprios para promover a inclusão.

O tema da inclusão está presente na atual visão da instituição e também no referido documento para o novo PPI. Neste se recomenda que a instituição se apresente à altura dos desafios do tempo presente e se insira no

(...) atual cenário conjuntural, que debate a inserção social e a diversidade, orientando ações que reduzam a distância entre alunos oriundos de processos de seleção e aqueles inseridos por sorteios de vagas dentre milhares de inscritos. Além disso, deve assegurar o direito inalienável de todos os alunos à construção de saberes e competências, tornando o processo de avaliação mais qualitativo e tratando, diferenciadamente, todas as etapas da educação básica e cada modalidade de ensino oferecida pelo Colégio Pedro II. (idem, p. 2)

A referência à defasagem (“reduzir a distância”) entre alunos/as concursados/as (“oriundos de processos de seleção” no 6º ano do EF2 e no 1º ano do EM) e alunos/as

do “Pedrinho”^{vi} (“aqueles inseridos por sorteios de vagas dentre milhares de inscritos”) pode ser compreendida como uma alusão a tradicional expressão “Aluno Padrão-Pedro II” que é muito comum no “Pedrão”^{vii} para situar a inferioridade dos/as alunos/as vindos/as dos “Pedrinhos” em relação aos/às concursados/as. De acordo com essa expressão, os/as primeiros/as são considerados/as menos preparados/as do que os/as concursados/as que, em geral, chegam ao CP II com trajetórias escolares previamente construídas e por isso encarnam a figura do/a aluno/a ideal que remonta à época em que a instituição era reconhecida como “Colégio Padrão do Brasil” e seus/suas estudantes possuíam o privilégio do acesso direto aos cursos de nível superior, sem necessitassem se submeter a qualquer exame de admissão.

A adoção do tema da inclusão lança o Colégio Pedro II diante do desafio de articular igualdade e diferença e, portanto, faz a aproximação com a perspectiva teórica da interculturalidade que adotamos nesse trabalho. A ênfase na igualdade sem a complexidade de sua articulação com a diferença, que permeia a documentação institucional analisada, sugere referência à lógica normais/incluídos-anormais/excluídos que é própria de uma das armadilhas da exclusão que consiste em “incluir, excluindo, subalternizando, inferiorizando” (CASTEL Apud CANDAU, 2009, p. 20). Nesse processo exclusão e inclusão se articulam (sem se contraporem) para produzir um tipo de exclusão pela inclusão.

Sobre o binômio normais-anormais, Candau (2009) apresenta um percurso de indagações a fim de evitar que a sua lógica faça o apagamento da complexa relação existente entre à problemática da igualdade-desigualdade social e os processos educacionais:

Que significa incluir? Seu horizonte é simplesmente integrar na sociedade vigente? Supõe assimilação dos referentes ideológicos e culturais dominantes na sociedade em que vivemos? Trata-se exclusivamente de promover o acesso a determinados bens e serviços sem questioná-los? Pode ser realizada uma alternativa crítica ao modelo sociopolítico vigente? (...) As questões relativas ao binômio inclusão-exclusão estão relacionadas à problemática da igualdade-desigualdade social nas sociedades em que vivemos. No entanto, esta não pode ser dissociada das tensões entre igualdade e diferença, também ferramentas presentes no mundo atual. E estas tensões fazem parte do cotidiano dos processos educacionais, provocando desafios complexos. (p. 19 e 23)

No Planejamento Estratégico da Pró-Retoria de Ensino (PROEN) / 2013-2017, anterior ao atual, em sua Política 1, “Por uma escola una!”, propõe-se a homogeneização de procedimentos didáticos e pedagógicos entre as coordenações e Direções Gerais para “Eliminar a dicotomia entre alunos concursados e alunos oriundos das séries de ruptura”, por meio de compensações do tipo reforço escolar para produzir

mais oportunidades de aprendizagem em momentos fora do tempo regular da turma, buscando enquadrar aqueles/as que fogem da normalidade (de aprendizagem).

Caracteriza-se, assim, um “déficit” em sujeitos escolares com referencial sociocultural distantes (diferentes) do padrão da cultura escolar e que são relegados a situação de inferioridade e/ou subalternidade no ambiente escolar. Dessa forma, a pluralidade cultural é reconhecida e valorizada e se promove uma atenção deliberada e programada às diferenças presentes no sistema educacional que são interpretadas como “déficit” e tratadas como objeto de programas de educação compensatória que favoreçam a sua plena integração à cultura dominante.

Nessa visão não se coloca em questão o monoculturalismo que configura a educação escolar moderna a partir de um universo próprio, auto-referido, constituído por determinados conhecimentos historicamente produzidos e socialmente reconhecidos, essencializados e tomados como universais e “neutros”. Essa concepção padronizadora sequer suspeita que a dificuldade possa estar nos métodos de ensino consolidados, na concepção de currículo prescritivo e/ou nos conhecimentos escolares privilegiados que compõe a cultura escolar hegemônica e possui um caráter transcultural que busca se afirmar sobre qualquer contexto sócio-cultural.

A irrupção de movimentos discentes por reconhecimento identitário

Empregar igual desvelo na instrução de todos os Alumnos sem distincção alguma.^{viii}

Até cinquenta anos atrás, iniciativas de estudantes no sentido de fazerem valer seus interesses particulares e de se apresentarem com as suas diferenças na escola – assim como as interferências de pais, mães e responsáveis no ambiente escolar (principalmente em função de imposições ou restrições de cunho religioso) - eram inconcebíveis (DUBET, 2011). Mas nos últimos anos o Colégio Pedro II encontra-se atravessado pela expressão dos direitos individuais de escolher suas opções, seus engajamentos e sua religião, que antes era reconhecido apenas fora da escola, na vida privada. Tamanho atravessamento tem posto em questão um dos pilares da escola moderna: a oposição entre os valores universais e os pertencimentos sociais e culturais privados que criaram a ficção da figura do/a aluno/a que acoberta as diferenças de crianças e jovens concretas.

Essa realidade pode até ser considerada comum em muitos ambientes escolares, mas não o é no universo tradicionalista do Colégio Pedro II, onde até recentemente (no

Campus Realengo II, por exemplo) os/as estudantes ficavam de pé quando da entrada do/a professor/a em sala de aula. Porém, o ideal institucional de ser uma escola situada fora do mundo e acima da sociedade destinada à transmissão da cultura superior e mais ampla do que a do senso-comum, porque fundada em princípios universais, possivelmente nunca esteve tão em questão nesse universo escolar como na atualidade. E isso porque

Os/As alunos/as estão exigindo de nós, educadores/as, novas formas de reconhecimento de suas alteridades, de atuar, negociar, dialogar, propor e criar. Estamos desafiados a superar uma visão padronizadora, assim como um olhar impregnado por um juízo, em geral, negativo de suas manifestações. Trata-se de abrir espaços que nos permitam compreender estas novas configurações identitárias, plurais e fluídas, presentes nas nossas escolas e na nossa sociedade. (CANDAUI, 2009, P. 96)

As paixões que têm assaltado essa territorialidade escolar são expressas pelas militâncias virtuais de estudantes surgidas, sobretudo, a partir de 2014, e voltadas para questões de política, gênero, sexualidade e étnico-racialidade que vêm constituindo uma rede virtual em defesa de causas específicas e de identidades interseccionais^{ix}. Essas militâncias não se limitam ao domínio virtual e transcendem para atividades presenciais com a promoção de debates, saraus, atos públicos, presença na mídia, etc. Quanto às questões de gênero e sexualidade, destaco duas delas: o Retrato Colorido, coletivo Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais - LGBT do CP II, e o Feminismo $\frac{3}{4}$.

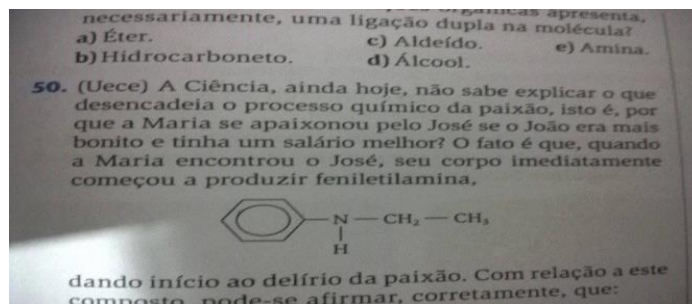


(Figura 1)

A comunidade virtual Feminismo $\frac{3}{4}$, é formada por “*alunas do CP II que estão cansadas do machismo dentro e fora da escola*” (Ver figura 1). O grupo trabalha com a ideia de sororidade (do latim *sororis* que significa irmã) para construir a união de forças baseada num sentimento fraterno e solidário entre mulheres com o objetivo de construir

o amor entre irmãs de luta. A pauta do coletivo inclui o posicionamento a favor da despenalização do aborto e contra a padronização estética de mulheres, o feminicídio, a homofobia, a transfobia, a gordofobia, o racismo, o capacitismo (discriminação, preconceito e opressão contra pessoas portadoras de deficiência física), a cultura do estupro e o fetichismo do uniforme feminino do Colégio Pedro II.

Enquanto um observatório de como diferentes formas de preconceito e discriminação, principalmente o machismo, empregam o conhecimento escolar, o coletivo realizou uma postagem (em 13 de abril de 2014) com a imagem de uma questão retirada do livro "Química na abordagem do cotidiano", volume 3, utilizado no Colégio Pedro II (Ver Figura 2), seguido do seguinte comentário: “E hoje nos deparamos com uma educação que perpetua conceitos machistas, retrógrados... Que desfavor, hein?”^{xi}



(Figura 2)

O Saiato, ocorrido em 13 de setembro de 2014, realizado por um grupo de estudantes que protestou no Campus São Cristóvão III contra o impedimento de estudante transgênero entrar no Colégio vestindo saia. O ato se caracterizou pelo fato de meninos usarem saias em defesa da liberdade de uso do uniforme escolar e contra a determinação existente no atual Código de Ética Discente que estipula o uso correto de uniforme e que todos/as devem obedecer. (Ver figura 3)



(Figura 3)

Esse ato, organizado principalmente pelo coletivo Retrato Colorido, contribuiu decisivamente no processo que levou a Reitoria do CP II a publicar a Portaria N° 2449/2016, de 22 de julho de 2016, que acaba com a divisão por gêneros binários do uniforme institucional.

Eloise, Grupo de Estudos Institucional de Gênero e Sexualidade – ELOS, fez questão de dizer que o pensamento conservador “*mora ao lado de todas essas reivindicações que atualmente sacodem o Colégio*”. E trouxe alguns fatos, entre eles o do relato abaixo:

No Campus Centro, por exemplo, por conta de um evento promovido pelo professor Tarcísio, de História (membro do Partido Socialismo e Liberdade – PSOL, pelo qual concorreu nas eleições presidenciais de 2013), para discutir sobre o tema da maioria penal, um grupo de alunos/as exigiu que alguém fosse falar a favor da redução da maioria penal. E o escolhido foi o deputado estadual Flávio Bolsonaro, de posições ultraconservadoras. Como eu soube disso? Eu li no facebook: “Em tempos em que Bolsonaro é convidado a vir á escola...” Ai, eu fui procurar saber e soube que os alunos criaram a Liga Reacionária e Conservadora, e que quer entrar no grêmio e quebrar o grêmio todo. Em São Cristóvão, devido ao fato do Departamento de Sociologia ter montado o evento sobre gênero em São Cristóvão III, foi colada uma folha na porta do departamento com os dizeres: “Sou machista, sim. Respeite o meu machismo.” Porque esse professor de Biologia é muito popular. Ele arregimenta o pensamento conservador. E os alunos vão em defesa desse pensamento. É um pensamento menos elaborado, muito mais fácil. Mas ele não tinha o direito de fazer isso. Porque quando ele fala que o estupro é justificado cientificamente isso é crime.

Em agosto de 2015 foi criado o Núcleo de Estudos e Ações em Gênero e Sexualidade - ELOS, constituído por membros de diversos *campi*, desde alunos até servidores técnicos e docentes, com o objetivo de agregar pesquisadores de diferentes áreas e níveis de conhecimento com professores/as, técnicos/as e alunos/as da Escola

Básica para construir uma política de gênero e sexualidade no âmbito do Colégio Pedro II.

Neste mesmo ano o Grupo ELOS realizou uma reunião com o corpo discente no Complexo Realengo, no dia 23 de setembro, em que participaram aproximadamente 200 jovens. Foi passado um filme com depoimentos de pessoas que romperam com a sua orientação biológica de gênero com o intuito de discussão posterior sobre o mesmo, mas os/as participantes preferiram narrar suas questões. Segundo Eloise:

Eles queriam falar. Fizeram filas pra falar e tinham histórias pra contar. Do seu cotidiano, da sua vida. Foi muito emocionante.

(...) Eles tinham questões da escola, principalmente da relação professor-aluno.

(...) Um aluno falou que não devia ter banheiro masculino e feminino na escola. Devia ter banheiro. E o palestrante reforçou dizendo que, de fato, a primeira vez que um aluno tem contato na escola com banheiros distinguidos por gênero é na escola.

A outra questão que levamos foi a escrita com X. A iniciativa foi do ELOS e não era uma iniciativa oficial do Colégio(...) O mais interessante que achei foi que os alunos falaram assim: “Essa questão do X é uma questão boa. Só que ela não resolve porque o X, por exemplo, não tem som. E nós continuamos excluindo, por exemplo, os deficientes visuais. E nós temos aqui colegas deficientes.” Na Suécia, por exemplo, já tem um vocábulo, um instrumento da língua, que é comum aos gêneros. Eu não sabia. Depois eu perguntei ao líder do grupo e ele disse que sim; que na Suécia foi desenvolvido um vocábulo que não tem gênero, que serve a todos os gêneros.

Então, os alunos precisam e estão se organizando para o respeito à diversidade. Foram os alunos que trouxeram isso tudo. Eles estão muito mobilizados.

(...) Então, não estou falando com base em nada. São coisas que eu já ouvi. Existe agora muita religião. Muita gente que é, por exemplo, evangélica entre os alunos. Então, acho que isso leva os alunos a se unirem até para eles serem mais fortes a uma reação. Em Realengo tem aluno que leva a Bíblia e coloca em cima da mesa na aula de História. Então, tem isso.

As Frentes Negras de Alunos/as do Colégio Pedro II (FNs) surgiram a partir do segundo semestre de 2015, com forte ligação com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB-CP II)^{xiii} que tem centrado a sua atuação junto ao corpo discente. As FNs têm o objetivo de “*desconstruir o racismo, presente em nossa sociedade desde as formas mais sutis até as mais evidentes, e de conscientizar sobre as questões étnico-raciais*”^{xiv}. Esses grupos têm se organizado em Duque de Caxias, Engenho Novo II, Humaitá II, Niterói, São Cristóvão III e Tijuca II para levar à comunidade escolar uma pauta de questões sobre identidade, apropriação cultural, padrões de beleza, entre outros temas afins.

O ensino da história e cultura afro-brasileira tem sido uma reivindicação dessas entidades. Para Y. F., aluna de 17 anos, que integra a Frente Negra AFRONTA / São Cristóvão III, é importante que a escola inclua o ensino da história negra para além da escravização e colonização do continente africano e que esta seja uma prática contínua.

“Isso não deve ser discutido em um mês só, e sim durante todo o ano”. E. P. destaca a importância da escola valorizar pensadores e personalidades negras que tiveram destaque em suas áreas de atuação para que o aluno negro se identifique e se orgulhe de suas raízes. Segundo ela: “*Se um aluno negro passa a vida toda só escutando a visão de pensadores brancos, que referência vai ter para se identificar?*”^{xv}

Zora, para quem o currículo do CPII é muito denso e eurocentrado, disse que, salvo gestos isolados de professores/as e de alguns departamentos, as Leis Nº 10.639/2003 e Nº 11.645/2008 não têm sido aplicadas oficialmente no Colégio Pedro II:

A Lei não está em lugar algum na escola. Ela não foi implantada oficialmente no currículo. Você pode olhar em todos os currículos. Ela é ignorada solenemente. Mas, aparece em algumas iniciativas pessoais. Então, a gente depende da simpatia, depende da afinidade. É incrível. Para a gente trabalhar com os professores depende que eles gostem do tema.

O documentário “*Ninguém nasce assim*”, realizado pelo Professor Cristiano Campos a partir de um grave caso de injúria racial ocorrido no dia 23 de outubro de 2014, no Campus Humaitá II durante o I Circuito Cultural Afro-Brasileiro do Colégio Pedro II^{xvi}, ilustra o que Zora diz acima dando dados sobre os conhecimentos escolares na disciplina História:

Os conteúdos escolares valorizam a história da Europa e, praticamente, ignoram a história da África. Nos livros de História os negros aparecem, em geral, em situação de inferioridade. Por exemplo, nos livros de História do ensino médio, que serão usados até o fim de 2017, em aproximadamente 466 pinturas, imagens ou fotos, as pessoas brancas aparecem 88% das vezes enquanto os negros 19%, sendo que, em mais da metade dos casos, como escravos, pobres e dominados.

O depoimento de Fabiana de Lima Peixoto, ex-aluna e ex-professora de Língua Portuguesa, prestado em 2015^{xvii}, assinala alguns traços da resistência interna às epistemes africanas e afro-brasileiras entre docentes do Colégio Pedro II:

(...) o quadro encontrado em meados de 2003, quando ingressei aqui enquanto professora, foi marcado pelo desinteresse por parte dos meus colegas de departamento em estabelecer um diálogo produtivo, nas aulas de literatura pelo menos, com textualidades negras no Brasil e em países da diáspora africana, bem como em investigar as desigualdades sociais ocasionadas pelo racismo. Lembro, nos primeiros colegiados que participei, de a grande maioria dos meus colegas professores colocarem-se contrários à lei 10.639 recém promulgada, vista como uma imposição governamental marcada pelo que chamavam de um autoritarismo de esquerda.

(...) No final de 2010, (...) percebi que o Colégio ainda se recusava institucionalmente a se aproximar de uma educação para as relações étnico-raciais que desse conta de discutir não só os legados africanos e indígenas em diversas áreas do conhecimento, mas sobretudo o racismo enquanto categoria estrutural de hierarquização social e operador ideológico delimitador de espaços e atitudes de exclusão. Naquele momento e talvez ainda até hoje, nem professores nem direção geral (hoje reitoria) assumiam para si a importância de uma mudança curricular radical, que deixasse de lado a

perspectiva marcadamente eurocêntrica da sistematização do conhecimento nesta instituição.

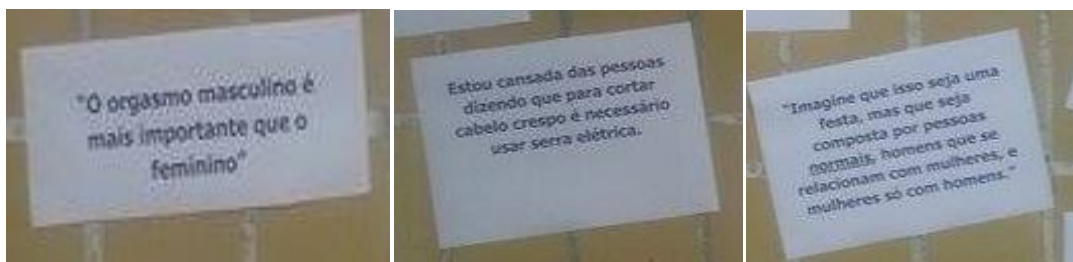
O Mural da Vergonha

Da efervescência desses movimentos surgiu, nos anos de 2014 e 2015, um procedimento contestatório que ficou conhecido como o Mural da Vergonha (MV) e que gerou muito mal estar e tensão na comunidade acadêmica. Essa prática consiste em recolher frases preconceituosas, principalmente de teor machista, homofóbico e racista, ditas por servidores/as, alunos/as e professores/as, fora ou dentro de sala de aula, para expô-las publicamente à comunidade escolar em um mural (MV) sem, no entanto, colocar os nomes dos/as autores/as. Mas, mesmo mantendo-se o anonimato, a maioria delas tinha seus os/as autores/as reconhecidos/as, inclusive pelos/as próprios/as, pois eram frases eram muito específicas e impactantes que “*envergonhavam mesmo.*” (Zora)

No MV do Campus São Cristóvão III, em 2015, durante a I Semana da Diversidade de Gênero, realizada em agosto, a repercussão interna também foi grande. Um professor de Biologia não gostou de ver uma frase sua no mural: “O estupro é justificado biologicamente.” O episódio precisou da intervenção das chefias dos departamentos de Biologia (a qual estava ligado o professor) e de Sociologia (promotor do evento). Segundo Eloise, o professor foi repreendido e teve que se retratar diante da turma na qual proferiu a frase.



(Figura 4: foto do MV de São Cristóvão III, cedida por Eloise)



(Figura 5: detalhes do MV de São Cristóvão III)

Essa situação teve desdobramentos no Conselho de Classe e levou um professor de História do Campus a se posicionar frente ao corpo docente em defesa dessa prática discente. Sua argumentação expõe o mal-estar no corpo docente do campus:

(...) Como seria de se esperar em atividades como essas, que envolvem denúncias ou críticas a determinadas pessoas, um certo mal estar foi gerado entre alguns colegas. Houve quem se julgasse exposto e mesmo difamado. Houve quem considerasse que as frases haviam sido exibidas de modo descontextualizado.

Ok, tudo isso pode ter ocorrido. Mas o que seria melhor? Não fazer o referido mural? Que tal pesar os prós e contras? Parto do ponto de vista que, ainda que certo mal estar possa ter sido esboçado, teria sido bem pior se o mural não tivesse sido criado, o que estimularia a continuidade dos discursos preconceituosos. (...)

Considerações finais

Como romper com o eurocentrismo que norteia e define os conhecimentos escolares para que saberes/conhecimentos de culturas não ocidentais possam ser reconhecidos na cultura escolar e serem integrados no corpo de conhecimentos curricularizados? Nesse sentido, vale considerar a reflexão de Cavalliere (2008) sobre a pertinência de uma escola tradicional em tempos de mudanças tão intensas e aceleradas. Segundo essa autora:

Quando se pensa no Colégio Pedro II, se pensa em tradição. O que isso significa em se tratando de uma escola? Tradição pode ser entendida como transmissão de narrativas ou valores de geração a geração. Algo como recordação, memória ou costume. Sendo a escola, pelo menos em sua concepção mais estrita, a instituição inventada com vistas à transmissão da tradição, uma escola tradicional seria aquela que acumulou saberes sobre a prática de transmitir as tradições. Ou seja, seria a tradição em dupla camada. Entretanto, essa definição estrita do papel da escola não mais exprime o que dela se espera hoje. Uma escola deve ser capaz de compreender as particularidades de seus alunos, traçar caminhos viáveis para eles, estimulá-los em sua criatividade, em seu espírito crítico, incorporar com rapidez as mudanças produzidas na sociedade e, até mesmo, romper tradições em favor da realização de todas essas coisas.” (2008, p. 189)

A reflexão é preciosa, mas como concretizá-la num futuro projeto educacional do “Velho Novo Colégio Pedro II” diante do embate crucial que opõe, por um lado, movimentos por diversidade, reconhecimento de sujeitos não hegemônicos que criticam posturas preconceituosas de professores/as e lutam pela revisão da epistemologia eurocêntrica predominante; e, por outro lado, emergem com força as reações conservadoras que pressionam pela refundação da escola de outrora e defendem um retorno aos valores e às ordens anteriores às “desordens no santuário”, reforçadas pelo clamor de setores sociais ultra-conservadores que acusam o Colégio Pedro II de estar submetido à ditadura das patrulhas dos grupos gaysistas e feminazis? ^{xviii}

Referências bibliográficas:

CANDAU, Vera. Educação e Inclusão social: Desafios para as Práticas pedagógicas. In: CANDAU, V. (org.) Didática: Questões Contemporâneas. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2009. P. 15-28.

_____. Professor/a: profissão de risco? In: CANDAU, V. (org.) Didática: Questões Contemporâneas. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2009. P. 93-98.

CAVALLIERE, Ana Maria. O Colégio Pedro II encontra o século XX. Revista Contemporânea de Educação. V. 3, n. 6 (2008: O Colégio Pedro II – Instituição Federal de Ensino do Rio de Janeiro) – Ver em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1549>

Colégio Pedro II: Projeto Político Pedagógico. Brasília: Inep/MEC, 2002. 400p.

DUBET, François. Mutações cruzadas a cidadania e a escola. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011 (Ver em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a02.pdf>)

Colégio Pedro II - Projeto Pedagógico Institucional. Texto-base/documento interno. 2014.

Colégio Pedro II. Planejamento Estratégico /2014-207. Documento interno. 2014.

ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

NOTAS:

ⁱ Esse trabalho trata-se de um recorte da tese de doutorado *A interculturalidade no ensino de artes visuais do Colégio Pedro II*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, entre 2013 e 2016, para a qual foi realizado um estudo de caso nessa tradicional instituição de ensino brasileira. O presente texto foi constituído a partir de observações no CP II, análise documental e entrevistas. Entre os documentos analisados, além dos documentos institucionais, destaco as postagens no Sítio Eletrônico do Colégio Pedro II, no Sítio Eletrônico do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros-CP II e nas páginas das comunidades virtuais de discentes do Colégio Pedro II (Retrato Colorido, Feminismo ¾, Frente Negra AFRONTa, Frente Negra Lélia Gonzalez, Frente Negra Dandara dos Palmares, Grêmio de estudantes do Campus São Cristóvão, Grêmio de Estudantes do Campus Humaitá, Grêmio de Estudantes do Campus Tijuca, Grêmio de estudantes do Campus Niterói). Entre as entrevistas foram utilizados os depoimentos de duas servidoras institucionais: Zora, representante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros –CP II, e Eloise, representante do Grupo de Estudos Institucional de Gênero e Sexualidade – ELOS.

ⁱⁱ O novo documento vem sendo desenvolvido por três Câmaras Setoriais que abrigam os seguintes Grupos de Trabalho: Câmara Setorial A - Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais) e Ensino Fundamental (anos finais) / Câmara Setorial B - Ensino Médio Regular, Ensino Médio Integrado e Proeja / Câmara Setorial C - Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Os itens constitutivos do documento são os seguintes: 1. Perfil institucional; 2. Estrutura e gestão administrativo-pedagógico; 3. Fundamentos pedagógicos; 4. Composição curricular. A redação dos itens 1 e 2 será objeto de trabalho da PROEN, PROGPPEC, PEI. Os itens 3 e 4 serão elaborados pelas Câmaras Setoriais e Grupos de Trabalho constituídos.

Fonte: Sítio Eletrônico do Colégio Pedro II (último acesso em 17/07/2016). Ver em: <http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2014/set/PPPI/TEXTO%20BASE%20PPPI.pdf>

ⁱⁱⁱ A educação de excelência, a principal tradição do Colégio, é preconizada na versão atual de sua missão ("Promover a educação de excelência, pública, gratuita e laica, por meio da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, formando pessoas capazes de intervir de forma responsável na sociedade."), na visão institucional e nos valores institucionais, principalmente a Excelência, a Competência e a Inovação (os outros dois valores são Ética e Compromisso Social). Lê-se sobre a sua visão:

Ser uma instituição pública de excelência em educação integral e inclusiva, consoante com o mundo contemporâneo e as novas técnicas e tecnologias, comprometida com a formação de cidadãos, visando a uma sociedade ética e sustentável. Da mesma forma, no Estatuto do Colégio Pedro II, em seu Capítulo II, “DOS PRINCÍPIOS, DAS FINALIDADES E CARACTERÍSTICAS E DOS OBJETIVOS”, no Art. 4º, “O COLÉGIO PEDRO II tem as seguintes finalidades e características”, encontramos o compromisso com a excelência de ensino:

IV - constituir-se em campo de experiência e em centro de excelência na oferta de educação básica e do ensino superior na área de educação e de formação de professores;

V - qualificar-se como centro de referência no apoio à oferta do ensino de todas as disciplinas que integram a composição curricular da educação básica, oferecendo capacitação técnica e atualização pedagógica aos profissionais de educação das redes públicas de ensino (...)

Fontes: Sítio eletrônico do Colégio Pedro II. Ver em: <http://www.cp2.g12.br/cpii/missao.html> (acessado em 24/02/2016); <http://www.cp2.g12.br/cpii/missao.html> (acessado em 24/02/2016)

iii PORTARIA Nº 1343, de 24 de abril de 2015. Fonte: Sítio Eletrônico do Colégio Pedro II (acessado em 11/03/2016): http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2015/Abr/portaria_1343.pdf

iv Fonte: Sítio Eletrônico do Colégio Pedro II. Ver em: http://www.cp2.g12.br/ultimas_publicacoes/211-noticias2015/2828-cpii-institucionaliza-o-fim-do-jubilamento.html (acessado em 10/03/2016)

v PORTARIA 419, de 14 de janeiro de 2014. Fonte: Sítio Eletrônico do Colégio Pedro II (acessado em 11/03/2016): http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2014/jan/PORTARIA_419.pdf

vi Denominação dada para estudantes dos Campi de Ensino Fundamental Anos Iniciais.

vii Denominação dada para estudantes dos Campi de Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio.

viii Fonte: Regulamento Nº 8 – de 31 de janeiro de 1838. Parágrafo 2º do ARTIGO 13/ Compete aos professores, incluso no CAPÍTULO IV / Dos Professores do TÍTULO I/ Dos Empregados do Colégio (consulta feita no NUDOM em 11 de agosto de 2015). Trata-se do 1º regulamento do Colégio Pedro II e que contém seu primeiro estatuto.

ix Interseccionalidade é um termo cunhado pela professora norte-americana Kimberlé Crenshaw, em 1989. O conceito já existia, mas ela deu um nome a ele. A definição segundo seu livro é: “*A visão de que as mulheres experimentam a opressão em configurações variadas e em diferentes graus de intensidade. Padrões culturais de opressão não só estão interligados, mas também estão unidos e influenciados pelos sistemas interseccionais da sociedade. Exemplos disso incluem: raça, gênero, classe, capacidades físicas/mentais e etnia.*”

Segundo essa compreensão, certos grupos de mulheres possuem diferentes camadas identitárias e têm que lidar com múltiplas facetas na vida. Uma mulher negra, por exemplo, esta sujeita a enfrentar tanto o racismo como o sexismo na sua vida cotidiana. Dessa forma, a interseccionalidade combate a ideia da padronização do feminismo pelo reconhecimento de que nem toda feminista é branca, classe média, cisgênera e sem limitações físicas e intelectuais.

Fonte: <http://blogueirasfeministas.com/2014/07/feminismo-interseccional-que-diabos-e-isso-e-porque-voce-deveria-se-preocupar/> (acessado em 27/08/2016)

x No dia 7 de abril de 2016, estudantes denunciaram assédio físico e psicológico no Colégio Pedro II no Campus Humaitá II na *Manifestação “Todas Por Todas”*, organizado pela Frente de Mulheres do Grêmio Marcos Nonato da Fonseca / Campus Humaitá II, em que houve denúncias de casos de assédio e abuso contra algumas desse Campus, sinalizando que os mesmos são recorrentes no local. O ato teve exposição de cartazes críticos e mobilização na rua que chegou a interromper o trânsito próximo ao colégio, com repercussão em alguns veículos de comunicação, além das redes sociais.

xi Um dos tantos comentários indignados em relação a essa postagem, dá bem o tom dos/as seguidores/as dessa comunidade virtual: “*Avisa ao imbecil q elaborou a prova que Maria se apaixona por quem ela bem entender, que Maria pode se sustentar sozinha, que renda não é critério de escolha de parceiro, que Maria pode sair com os dois ao mesmo tempo se quiser, que Maria pode se apaixonar por Joana, que*

Maria pode ficar sozinha se assim decidir, que antes de tudo e mais nada... Pegue seu machismo e vá PQP!”

^{xii} Fontes: [Revista eletrônica Geledés: Geledés http://www.geledes.org.br/alunos-de-colegio-fazem-saiaco-em-apoio-estudante-transgenero-proibida-de-usar-saia-na-escola-rio/#ixzz42KPhsteQ](http://www.geledes.org.br/alunos-de-colegio-fazem-saiaco-em-apoio-estudante-transgenero-proibida-de-usar-saia-na-escola-rio/#ixzz42KPhsteQ) (acesso em 11/04/2016); Notícias R&: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/estudantes-de-colegio-tradicional-do-rio-protestam-a-favor-de-aluno-que-foi-a-aula-de-saia-03092014> (Acessado em 11/04/2016).

^{xiii} O Núcleo de Estudos Afro-brasileiros – NEAB é um dos quatro grandes programas interdisciplinares do Colégio Pedro II surgidos após a transformação em IFE – os outros são o Núcleo de Documentação e Memória do CP II – NUDOM, o Núcleo Transdisciplinar de Humanidades – NUTH e o Núcleo de Estudos e Pesquisa audiovisuais em Geografia – NEPAG. O NEAB-CP II foi instituído no final de 2013, pela Portaria 1934, de 11 de novembro de 2013, com base (apenas) na Lei 10.639/2003, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura - PROPGPEC, com a finalidade de promover a produção e a disseminação do conhecimento por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, no desenvolvimento de políticas de diversidade étnico-racial, estimulando a igualdade e valorização das populações de origem africana e indígena. A preocupação com a história e cultura indígena esteve presente apenas no início da existência da entidade, quando chegou a ser denominada NEABI (Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena), mas posteriormente não se constituiu em foco das ações desse órgão que até a realização dessa pesquisa dedicou-se exclusivamente às questões afro-brasileiras.

^{xiv} Frentes Negras de Alunes ou Alunxs dos campi Tijuca (FN Dandara), São Cristóvão (FN AFRONTa) e Humaitá (FN Lélia Gonzalez).

Fontes: Sítio eletrônico do Colégio Pedro II. Ver em: <http://www.cp2.g12.br/using-joomla/extensions/components/content-component/article-categories/4042-frentes-negras-ganham-for%C3%A7a-no-cpii.html> (acessados em 30/03/2016)

^{xv} Sítio eletrônico do Colégio Pedro II (acessado em 26/03/2016):

<http://www.cp2.g12.br/using-joomla/extensions/components/content-component/article-categories/4042-frentes-negras-ganham-for%C3%A7a-no-cpii.html>

^{xvi} O documentário “Ninguém Nasce Assim”, com duração de 30 minutos, é uma realização do Laboratório de Humanidades do Campus Humaitá II – CP II, com apoio da equipe de História dessa unidade escolar. Para a realização do filme foram entrevistados/as professores/as e alunos/as (entre eles/as, algumas estudantes da Frente Negra do Colégio: J. M., L. J. e M. S.). O filme foi apresentado em 16 de abril de 2015, em duas exibições no auditório do *campus*, organizadas pela equipe de História. Para acessar o documentário: https://www.youtube.com/watch?v=6H_xfUCLWBY

^{xvii} Palestra proferida pela professora Dra. Fabiana de Lima Peixoto (ex-professora do Colégio Pedro II, atualmente, professora da Universidade Federal do Sul da Bahia, colaboradora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros como membro do Grupo de Pesquisas e atua nas redes sociais com o canal Beleza de Preta, também no Facebook) no encontro "Lélia Gonzalez - o feminismo negro no palco da história; ocorrida no NEAB do Colégio Pedro II, campus Centro, em 28/04/2015. A palestra “De aluna negra à professora amefricana no Colégio Pedro II”, fala também da experiência do racismo no Colégio e dos atos de discriminação e preconceito sofridos por alunos/as negros do Colégio.

Fonte: Sítio Eletrônico do NEAB-CP II: <http://www.neabcp2.com.br/2015/08/de-aluna-negra-professora-amefricana-no.html> (acessado em 28/03/2016)

^{xviii} Ver em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/patrolha-gayzista-e-feminazi-chega-ao-colegio-pedro-ii-uma-instituicao-federal/>